

XXX

MARIA

Junto da cruz, o vulto agoniado de Maria produzia dolorosa e indelevel impressão. Com o pensamento ansioso e torturado, olhos fixos no madeiro das perfidias humanas, a ternura materna regredia ao passado em amarguradas recordações. Ali estava o filho bem amado, na hora extrema.

Maria deixava-se ir na corrente infinda das lembranças. Eram as circumstancias maravilhosas em que o nascimento de Jesus lhe fôra anunciado, a amizade de Isabel, as profecias do velho Simeão, reconhecendo que a assistencia de Deus se tornara incontestavel, nos menores detalhes de sua vida. Naquele instante supremo, revia a mangedoura, na sua beleza agreste, sentindo que a natureza parecia desejar redizer aos seus ouvidos o cantico de gloria daquela noite inolvidavel. Através do véu espesso das lagrimas, repassou, uma por uma, as cenas da infancia do filho estremecido, observando o alarma interior das mais doces reminiscencias.

Nas menores coisas, reconhecia a intervenção da Providencia celestial; entretanto, naquela hora, seu pensamento vagava tambem pelo vasto mar das mais aflitivas interrogações.

Que fizera Jesus por merecer tão amargas penas? Não o vira crescer de sentimentos immaculados, sob o calor de seu coração? Desde os mais tenros anos, quando o conduzia á fonte tradicional de Nazaré, observava o carinho fraterno que dispensava a todas as creaturas. Frequentemente, ia busca-lo nas ruas empedradas, onde a sua palavra carinhosa consolava os transeuntes desamparados e tristes. Viandantes miserrimos vinham á sua casa modesta louvar o filhinho idolatrado, que sabia distribuir as benções do Céu. Com que enlevo recebia os hospedes inesperados que suas mãos minúsculas conduziam á carpintaria de José!... Lembrava-se bem que, um dia, a divina criança guiara á casa dois malfeitores, publicamente reconhecidos como ladrões do vale de Mizhep. E era de ver-se a amorosa solicitude com que seu vulto pequenino cuidava dos desconhecidos, como se fossem seus irmãos. Muitas vezes, comentara a excelencia daquela virtude santificada, receiando pelo futuro de seu adoravel filhinho.

Depois da cariciosa paisagem domestica, era a missão celestial, dilatando-se em colheitas de frutos maravilhosos. Eram paraliticos que retomavam os movimentos da vida, cegos que se reintegravam nos sagrados dons da vista, creaturas famintas de luz e de amor que se saciavam na sua lição de infinita bondade.

Que profundos designios haviam conduzido seu filho adorado á cruz do suplicio?

Uma voz amiga lhe falava ao espirito, dizendo das determinações insondaveis e justas de Deus, que precisam ser aceitas para a redenção divina das creaturas. Seu coração rebentava em tempestades de lagrimas irreprimiveis; contudo, no santuario da consciencia, repetia a sua afirmação de sincera humildade: — "Faça-se na escrava a vontade do Senhor!"

De alma angustiada, notou que Jesus atingira o ultimo limite dos padecimentos inenarraveis. Al-

guns dos populares mais exaltados multiplicavam as pancadas, enquanto as lanças riscavam o ar, em ameaças audaciosas e sinistras. Ironias mordazes eram proferidas a esmo, dilacerando-lhe a alma sensível e afetuosa.

Em meio de algumas mulheres compadecidas, que lhe acompanhavam o angustioso transe, Maria reparou que alguém lhe pousara as mãos, de leve, sobre os ombros.

Deparou-se-lhe a figura de João que, vencendo a pusilanimidade criminosa em que haviam mergulhado os demais companheiros, lhe estendia os braços amorosos e reconhecidos. Silenciosamente, o filho de Zebedeu abraçou-se áquele triturado coração maternal. Maria deixou-se enlaçar pelo discípulo querido e ambos, ao pé do madeiro, em gesto suplice, buscaram ansiosamente a luz daqueles olhos misericordiosos, no cumulo dos tormentos. Foi aí que a fronte do divino supliciado se moveu vagarosamente, revelando perceber a ansiedade daquelas duas almas em extremo desalento.

— “Meu filho! Meu amado filho!...” — exclamou ela, em aflição, frente á serenidade daquele olhar de melancolia intraduzível.

O Cristo pareceu meditar no auge de suas dores, mas, como se quizesse demonstrar, no instante derradeiro, a grandeza de sua coragem e a sua perfeita comunhão com Deus, replicou com significativo movimento dos olhos vigilantes:

— “Mãe, eis aí teu filho!...” — e, dirigindo-se, de modo especial, com um leve aceno, ao apóstolo, disse: — “Filho, eis aí tua mãe!”

Maria envolveu-se no véu de seu pranto doloroso, mas o grande evangelista compreendeu que o Mestre, na sua derradeira lição, ensinava que o amor universal era o sublime coroamento de sua obra. Entendeu que, no futuro, a claridade do Reino de Deus revelaria aos homens a necessidade da cessação de todo egoísmo e que, no santuário de

cada coração, deveria existir a mais abundante quota de amor, não só para o círculo familiar, senão para todos os necessitados do mundo, e que no templo de cada habitação permaneceria a fraternidade real, para que a assistência reciproca se praticasse na Terra, sem serem precisos os edifícios exteriores, consagrados a uma solidariedade claudicante.

Por muito tempo, conservaram-se ainda ali, em preces silenciosas, até que o Mestre, exanime, fosse arrancado á cruz, antes que a tempestade mergulhasse a paisagem castigada de Jerusalém num dilúvio de sombras.

Após a separação dos discípulos, que se dispersaram por lugares diferentes, para a difusão da Boa Nova, Maria retirou-se para a Batanéia, onde alguns parentes mais próximos a esperavam com especial carinho.

Os anos começaram a rolar, silenciosos e tristes, para a angustiada saudade de seu coração.

Tocada por grandes dissabores, observou que, em tempo rápido, as lembranças do filho amado se convertiam em elementos de asperas discussões, entre os seus seguidores. Na Batanéia, pretendia-se manter uma certa aristocracia espiritual, por efeito dos laços consanguíneos que ali a prendiam, em virtude dos élos que a ligavam a José. Em Jerusalém, degladiavam-se os cristãos e os judeus, com veemência e acrimonia. Na Galiléia, os antigos cenáculos simples e amáveis da natureza estavam tristes e desertos.

Para aquela mãe amorosa, cuja alma digna observava que o vinho generoso de Caná se transformara no vinagre venenoso do martírio, o tempo

assinhalava sempre uma saudade maior no mundo e uma esperança cada vez mais elevada no céu.

Sua vida era uma devoção incessante ao rosário imenso da saudade, às lembranças mais queridas. Tudo o que o passado feliz edificara em seu mundo interior revivia na tela de suas lembranças, com minúcias somente conhecidas do amor, e lhe alimentavam a seiva da vida.

Relembrava o seu Jesus pequenino, como naquela noite de beleza prodigiosa, em que o recebera nos braços maternos, iluminado pelo mais doce mistério. Figurava-se-lhe escutar ainda o balido das ovelhas que vinham apressadas acercar-se do berço que se formara de improviso. E aquele primeiro beijo, feito de carinho e de luz? As reminiscências envolviam a realidade longínqua de singulares belezas para o seu coração sensível e generoso. Em seguida, era o rio das recordações desaguando, sem cessar, na sua alma rica de sentimentalidade e ternura. Nazaré lhe voltava à imaginação, com as suas paisagens de felicidade e de luz. A casa singela, a fonte amiga, a sinceridade das afeições, o lago majestoso e, no meio de todos os detalhes, o filho adorado, trabalhando e amando, no erguimento da mais elevada concepção de Deus, entre os homens da Terra. De vez em quando, parecia vê-lo em seus sonhos repletos de esperança. Jesus lhe prometia o júbilo encantador de sua presença e participava da carícia de suas recordações.

A esse tempo, o filho de Zebedeu, tendo presentes as observações que o Mestre lhe fizera da cruz, surgiu na Batanéia, oferecendo àquele espírito saudoso de mãe o refúgio amoroso de sua proteção. Maria aceitou o oferecimento, com satisfação imensa.

E João lhe contou a sua nova vida. Instalara-se definitivamente em Efeso, onde as idéias cristãs ganhavam terreno entre almas devotadas e sinceras. Nunca olvidara as recomendações do Senhor e, no íntimo, guardava aquele título de filiação

como das mais altas expressões de amor universal para com aquela que recebera o Mestre nos braços veneráveis e carinhosos.

Maria escutava-lhe as confidências, num misto de reconhecimento e de ventura.

João continuava a expor-lhe os seus planos mais insignificantes. Leva-la-ia consigo, andariam ambos na mesma associação de interesses espirituais. Seria seu filho desvelado, enquanto que receberia de sua alma generosa a ternura maternal, nos trabalhos do Evangelho. Demorara-se a vir, explicava o filho de Zebedeu, porque lhe faltava uma choupana, onde se pudessem abrigar; entretanto, um dos membros da família real de Adiabene, convertido ao amor do Cristo, lhe doara uma casinha pobre, ao sul de Efeso, distando três leguas aproximadamente da cidade. A habitação simples e pobre demorava num promontório, de onde se avistava o mar. No alto da pequena colina, distante dos homens e no altar imponente da natureza, se reuniriam ambos para cultivar a lembrança permanente de Jesus. Estabeleceriam um pouso e refúgio aos desamparados, ensinariam as verdades do Evangelho a todos os espíritos de boa vontade e, como mãe e filho, iniciariam uma nova era de amor, na comunidade universal.

Maria aceitou alegremente.

Dentro de breve tempo, instalavam-se no seio amigo da natureza, em frente do oceano. Efeso ficava pouco distante; porém, todas as adjacências se povoavam de novos núcleos de habitações alegres e modestas. A casa de João, ao cabo de algumas semanas, se transformou num ponto de assembleias adoráveis, onde as recordações do Messias eram cultuadas por espíritos humildes e sinceros.

Maria externava as suas lembranças. Falava dele com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas, apreciando os ensinamentos recebidos. Vezes inúmeras, a reunião somente terminava noite alta, quando as

estrelas tinham maior brilho. E não foi só. Decorridos alguns mezes, grandes fileiras de necessitados acorriam ao sítio singelo e generoso. A notícia de que Maria descansava agora entre eles espalhara um clarão de esperança por todos os sofrendores. Ao passo que João pregava na cidade as verdades de Deus, ela atendia, no pobre santuario domestico, aos que a procuravam, exhibindo-lhe suas ulceras e necessidades.

Sua choupana era, então, conhecida pelo nome de "Casa da Santissima".

O facto tivera origem em certa ocasião, quando um miseravel leproso, depois de aliviado em suas chagas, lhe osculou as mãos, reconhecidamente, murmurando:

— "Senhora, sois a mãe de nosso Mestre e nossa Mãe Santissima!"

A tradição creou raizes em todos os espiritos. Quem não lhe devia o favor de uma palavra maternal nos momentos mais duros? E João consolidava o conceito, acentuando que o mundo lhe seria eternamente grato, pois fôra pela sua grandeza espiritual que o Emissario de Deus pudera penetrar a atmosfera escura e pestilenta do mundo para balsamizar os sofrimentos da creatura. Na sua humildade sincera, Maria se esquivava ás homenagens afetuosas dos discipulos de Jesus, mas aquella confiança filial com que lhe reclamavam a presença era para sua alma um brando e delicioso tesouro do coração. O titulo de maternidade fazia vibrar em seu espirito os canticos mais doces. Diariamente, acorriam os desamparados, suplicando a sua assistencia espiritual. Eram velhos trópegos e desenganados do mundo, que lhe vinham ouvir as palavras confortadoras e afetuosas, enfermos que invocavam a sua proteção, mães infelizes que pediam a benção de seu carinho.

— "Minha mãe — dizia um dos mais aflitos — como poderei vencer as minhas dificuldades? Sinto-me abandonado na estrada escura da vida..."

Maria lhe enviava o olhar amoroso da sua bondade, deixando nele transparecer toda a dedicação enterneçada de seu espirito maternal.

— "Isso tambem passa! — dizia ela, carinhosamente — só o Reino de Deus é bastante forte para nunca passar de nossas almas, como eterna realização do amor divino".

Seus conceitos abrandavam a dor dos mais desesperados, desanuviavam o pensamento obscuro dos mais acabrunhados.

A igreja de Efeso exigia de João a mais alta expressão de sacrificio pessoal, pelo que, com o decorrer do tempo, quasi sempre Maria estava só, quando a legião humilde dos necessitados descia o promontorio desataviado, rumo aos lares mais confortados e felizes. Os dias e as semanas, os mezes e os anos passaram incessantes, trazendo-lhe as lembranças mais ternas. Quando sereno e azulado, o mar lhe fazia voltar á memoria o Tiberiades distante. Surpreendia no ar aqueles perfumes vagos que enchiam a alma da tarde, quando seu filho, de quem nem um instante se esquecia, reunindo os discipulos amados, transmitia ao coração do povo as louçanias da Boa Nova. A velhice não lhe acarretara nem cansaços, nem amarguras. A certeza da proteção divina lhe proporcionava ininterrupto consolo. Como quem transpõe o dia em labores honestos e proveitosos, seu coração experimentava grato repouso, iluminado pelo luar da esperança e pelas estrelas fulgurantes da crença imorredoura. Suas meditações eram suaves collocadas com as reminiscencias do filho muito amado.

Subito recebeu noticias de que um periodo de dolorosas perseguições se havia aberto para todos os que fossem fieis á doutrina do seu Jesus divino. Alguns cristãos banidos de Roma traziam a Efeso as tristes informações. Em obediencia aos éditos mais injustos, escravizavam-se os seguidores do Cristo, destruíam-se-lhes os lares, metiam-nos a ferros nas prisões. Falava-se de festas publicas,

em que seus corpos eram dados como alimento a feras insaciáveis, em horrendos espetáculos.

Então, num crepúsculo estrelado, Maria entregou-se às orações, como de costume, pedindo a Deus por todos aqueles que se encontrassem em angústias do coração, por amor de seu filho.

Embora a solenidade do ambiente, não se sentia só; uma como força singular lhe banhava a alma toda. Aragens suaves sopravam do oceano, espalhando os aromas da noite que se povoava de astros amigos e afetuosos e, em poucos minutos, a lua plena participava, igualmente, desse concerto de harmonia e de luz.

Enlevada nas suas meditações, Maria viu aproximar-se o vulto de um pedinte.

— “Minha mãe — exclamou o recém-chegado, como tantos outros que recorriam ao seu carinho — venho fazer-te companhia e receber a tua benção”.

Maternalmente, ela o convidou a entrar, impressionada por aquela voz que lhe inspirava profunda simpatia. O peregrino lhe falou do céu, confortando-a delicadamente. Comentou as bem-aventuranças divinas que aguardam a todos os devotos e sinceros filhos de Deus, dando a entender que lhe compreendia as mais ternas saudades do coração. Maria sentiu-se empolgada por tocante surpresa. Que mendigo seria aquele que lhe acalmava as dores secretas da alma saudosa, com balsamos tão dulcurosos? Nenhum lhe surgira até então para dar; era sempre para pedir alguma coisa. No entanto, aquele viandante desconhecido lhe derramava no íntimo as mais santas consolações. Onde ouvira aquela voz meiga e carinhosa, noutros tempos?! Que emoções eram aquelas que lhe faziam pulsar o coração de tanta carícia? Seus olhos se humedeceram de ventura, sem que conseguisse explicar a razão de sua terna emotividade.

Foi quando o hospede anônimo lhe estendeu

as mãos generosas e lhe falou com profundo acento de amor:

— “Minha mãe, vem aos meus braços!”

Nesse instante, fitou as mãos nobres que se lhe ofereciam, num gesto da mais bela ternura. Tomada de comoção profunda, viu nelas duas chagas, como as que seu filho revelava na cruz e, instintivamente, dirigindo o olhar ansioso para os pés do peregrino amigo, divisou também aí as úlceras causadas pelos cravos do suplicio. Não pôde mais. Compreendendo a visita amorosa que Deus lhe enviava ao coração, bradou com infinita alegria:

— “Meu filho! meu filho! as úlceras que te fizeram!...”

E, precipitando-se para ele, como mãe carinhosa e desvelada, quiz certificar-se, tocando a ferida que lhe fôra produzida pelo último lançamento, perto do coração. Suas mãos ternas e solícitas o abraçaram na sombra visitada pelo luar, procurando sofregamente a úlcera que tantas lágrimas lhe provocara ao carinho maternal. A chaga lateral também lá estava, sob a carícia de suas mãos. Não conseguiu dominar o seu intenso júbilo. Num ímpeto de amor, fez um movimento para se ajoelhar. Queria abraçar-se aos pés do seu Jesus e oscula-los com ternura. Ele, porém, levantando-se, cercado de um halo de luz celestial, se lhe ajoelhou aos pés e, beijando-lhe as mãos, disse em carinhoso transporte:

— “Sim, minha mãe, sou eu!... Venho buscar-te, pois meu Pai quer que sejas no meu reino a Rainha dos Anjos!...”

Maria cambaleou, tomada de inexprimível ventura. Queria dizer da sua felicidade, manifestar seu agradecimento a Deus; mas, o corpo como que se lhe paralizara, enquanto aos seus ouvidos chegavam os ecos suaves da saudação do Anjo, qual se a entoassem mil vozes cariciosas, por entre as harmonias do céu.

Ao outro dia, dois portadores humildes desciam a Efeso, de onde regressaram com João, para assistir aos ultimos instantes daquela que lhes era a devotada Mãe Santissima.

Maria já não falava. Numa inolvidavel expressão de serenidade, por longas horas ainda esperou a rutura dos derradeiros laços que a prendiam á vida material.

*

A alvorada desdobrava o seu formoso leque de luz, quando aquela alma eleita se elevou da Terra, onde tantas vezes chorara de jubilo, de saudade e de esperança. Não mais via seu filho bem amado, que certamente a esperaria, com as boas-vindas, no seu reino de amor; mas, estensas multidões de entidades angelicas a cercavam cantando hinos de glorificação.

Experimentando a sensação de se estar afastando do mundo, desejou rever a Galiléia com os seus sitios preferidos. Bastou a manifestação de sua vontade para que a conduzissem á região do lago de Genesaré, de maravilhosa beleza. Reviu todos os quadros do apostolado de seu filho e, só agora, observando do alto a paisagem, notava que o Tiberiades, em seus contornos suaves, apresentava a forma quasi perfeita de um alaúde. Lembrou-se, então, de que naquele instrumento da natureza, Jesus cantara o mais belo poema de vida e amor, em homenagem a Deus e á humanidade. Aquelas aguas mansas, filhas do Jordão marulhoso e calmo, haviam sido as cordas sonoras do cantico evangelico.

Dulcissimas alegrias lhe invadiam o coração e já a caravana espiritual se dispunha a partir, quando Maria se lembrou dos discipulos persegui-

dos pela crueldade do mundo e desejou abraçar os que ficariam no vale das sombras, á espera das claridades definitivas do Reino de Deus. Emitindo esse pensamento, imprimiu novo impulso ás multidões espirituais que a seguiam de perto. Em poucos instantes, seu olhar divisava uma cidade soberba e maravilhosa, espalhada sobre colinas enfeitadas de carros e monumentos que lhe provocavam assombro. Os marmores mais ricos esplendiam nas magnificentes vias publicas, onde as liteiras patricias passavam sem cessar, exibindo pedrarias e peles, sustentadas por miserrimos escravos. Mais alguns momentos e seu olhar descobria outra multidão guardada a ferros em escuros calabouços. Penetrou os sombrios carcereiros do Esquilino, onde centenas de rostos amargurados retratavam padecimentos atrozes. Os condenados experimentaram no coração um consolo desconhecido.

Maria se aproximou de um a um, participou de suas angustias e orou com as suas preces, cheias de sofrimento e confiança. Sentiu-se mãe daquela assembléia de torturados pela injustiça do mundo. Espalhou a claridade misericordiosa de seu espirito entre aquelas fisionomias palidas e tristes. Eram anciãos que confiavam no Cristo, mulheres que por ele haviam desprezado o conforto do lar, jovens que depunham no Evangelho do Reino toda a sua esperança. Maria aliviou-lhes o coração e, antes de partir, sinceramente desejou deixar-lhes nos espiritos abatidos uma lembrança perene. Que possuía para lhes dar? Deveria suplicar a Deus para eles a liberdade?! Mas, Jesus ensinara que com ele todo jugo é suave e todo fardo seria leve, parecendo-lhe melhor a escravidão com Deus do que a falsa liberdade nos desvãos do mundo. Recordou que seu filho deixara a força da oração como um poder incontrastavel entre os discipulos amados. Então, rogou ao Céu que lhe dêsse a possibilidade de deixar entre os cristãos oprimidos

a força da alegria. Foi então que, aproximando-se de uma jovem encarcerada, de rosto descarnado e macilento, lhe disse ao ouvido:

— "Canta, minha filha! Tenhamos bom animo!... Convertamos as nossas dores da Terra em alegrias para o Céu!..."

A triste prisioneira nunca saberia compreender o porque da emotividade que lhe fez vibrar subitamente o coração. De olhos extáticos, contemplando o firmamento luminoso, através das grades poderosas, ignorando a razão de sua alegria, cantou um hino de profundo e enternecido amor a Jesus, em que traduzia sua gratidão pelas dores que lhe eram enviadas, transformando todas as suas amarguras em consoladoras rimas de júbilo e esperança. Daí a instantes, seu canto melodioso era acompanhado pelas centenas de vozes dos que choravam no cárcere, aguardando o glorioso testemunho.

Logo, a caravana majestosa conduziu ao Reino do Mestre a bendita entre as mulheres e, desde esse dia, nos tormentos mais duros, os discípulos de Jesus têm cantado na Terra, exprimindo o seu bom animo e a sua alegria, guardando a suave herança de nossa Mãe Santíssima.

Por essa razão, irmãos meus, quando ouvirdes o cântico nos templos das diversas famílias religiosas do Cristianismo, não vos esqueçais de fazer no coração um brando silêncio, para que a Rosa Mística de Nazaré espalhe aí o seu perfume!

FIM

ERNESTO BOZZANO

A CRISE DA MORTE

Haverá quem não tenha pensado nesse evento fatal?

Ela, a morte, a ninguém poupa, nem respeita. Crianças, flores em botão, urnas de esperanças, homens e mulheres, todos lhe receberão a sua visita.

E quantos a temem? — a maioria. Mesmo os que a procuram voluntariamente não o fazem sem um vago temor — o temor do desconhecido.

Depois... que será? E' como será? Sabido que a alma sobrevive ao corpo, ainda assim, o interesse, a curiosidade não diminuem, antes aumentam de valor.

Eis o assunto desta obra. O autor aí aprecia e comenta o testemunho dos que se foram, com detalhes curiosíssimos das impressões que experimentaram, em circunstâncias diversas.

Bozzano é sempre o observador arguto para o comentário incisivo e justo.

Lêr este livro é matar a morte com o seu cortejo de terrores, incertezas e mistérios.

CAIXA DE PROPAGANDA

Instituída com o fim principal de auxiliar a publicação de **Reformador** (Boletim mensal) e de folhetos de distribuição gratuita, aos contribuintes dessa Caixa, o mesmo **Reformador** será remetido regularmente, como o é aos socios das diversas categorias: contribuintes, inscritos, remidos, titulados e correspondentes.